

## Trabalho, memória e educação no Quilombo de Barra em Rio de Contas-BA

Géssica Maria Silva São José  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: gessicamaria012@gmail.com

Cláudio Eduardo Félix  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: cefsantos8@gmail.com

1888

**Palavras-chave:** Quilombo. Trabalho. Memória. Educação

### INTRODUÇÃO

O texto em tela apresenta reflexões presentes na dissertação “*O trabalho da memória e da educação na luta pelo reconhecimento do quilombo de Barra em Rio de Contas-BA*” pesquisa desenvolvida no programa de pós-graduação em “Memória: Linguagem e Sociedade” (2022-2024). Nosso objeto de investigação diz respeito a memória de dois professores da comunidade, Carmo e Bezinha, para compreendermos como se desenvolveu o trabalho educativo do quilombo nos anos de maiores conflitos e conquistas da comunidade que se tornou remanescente.

Nosso marco temporal passeia pelos principais momentos da história e memória do quilombo entre os anos de 1980-2002, período de lutas pela redemocratização no Brasil pós-ditadura civil-militar e de ampliação/fortalecimento do movimento negro no país que influenciou diretamente nas conquistas do quilombo.

Com isso, a partir da análise da trajetória desses educadores e do modo de vida do quilombo de Barra buscamos identificar a contribuição das práticas pedagógicas desses professores (as) na preservação dos aspectos ancestrais e culturais da memória coletiva da sua comunidade através da educação, assim como a memória e o trabalho educativo contribuem para o contínuo processo de construção identitária do quilombo.

### METODOLOGIA

A reconstrução da memória coletiva quilombola no âmbito educacional é um dos intuitos desta pesquisa, e faz-se necessário destacar que de acordo a Halbwachs (1990) a

Realização:



Apoio:



memória coletiva, além de importante é indispensável para a compreensão e transformação da sociedade, que envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. As memórias individuais penetram a memória coletiva e mudam de figura quando recoladas neste conjunto que não é mais de consciência pessoal, mas sim, que envolve o todo, neste caso, que envolve o quilombo de Barra e todos os seus moradores.

Nossa perspectiva teórico-metodológica é materialista e os estudos de Santos (2021) nos ajuda a evidenciar que desde o passado e ainda nos tempos atuais, a força motriz das relações sociais permanece sendo as lutas de classes, e que esse aspecto basilar da constituição social é simplesmente negligenciado em toda a tradição filosófica e sociológica da teoria da memória, razão pela qual, a metodologia adotada pela maioria dos autores da área, segundo o autor, acarreta equívocos quando se considera os processos reais e concretos de constituição da memória.

As perspectivas sobre modo de vida de Tiriba (2021) nos auxiliam nas análises das práticas econômico-culturais, cujos modos de fazer, sentir e estar no mundo do quilombo de Barra se constituem entre reprodução ampliada da vida e reprodução ampliada do capital.

Para chegarmos aos resultados e discussões dessa pesquisa nos valem de entrevistas, registros escritos dos educadores (as), documentos presentes no Arquivo Municipal de Rio de Contas, matérias de jornais e outras fontes para a reconstituição dos fatos a partir dessa memória coletiva e da memória histórica de Bezinha e Carmo, para que assim, encontremos elementos que nos auxiliem no processo de análise do trabalho educativo desenvolvido na comunidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio nossa questão de pesquisa parte da análise da memória de Carmo e Bezinha, professores que trabalharam na escola do quilombo da Barra entre 1980 e 2002, para que possamos compreender qual a contribuição do trabalho educativo, da cultura e da própria memória coletiva no processo de reconhecimento oficial do território e no processo, ainda em curso, de construção da identidade negra-quilombola?

Observar como o modo de vida do grupo quilombola é engendrado é importante para nossos esforços de análise e compreensão, e em nossa pesquisa de campo constatamos que a organização social do quilombo é pautada por dois pares de fatores: I. parentesco e herança II. terra e territorialidade.

Realização:



UESB  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



Apoio:



Nos anos de maiores conflitos entre os moradores do quilombo e o DNOCS<sup>1</sup> (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) na luta pela garantia da permanência em suas terras após a construção da Barragem Luis Vieira em 1987<sup>2</sup> a escola do quilombo de Barra recebeu alunos (as) de outra comunidade quilombola vizinha, Riacho das Pedras, que foi totalmente coberta pela água, o que ocasionou a perda total das terras das famílias que ali habitavam.

Bezinha e Carmo narram que tanto Barra quanto Bananal receberam, não só alunos (as), como também famílias que vieram morar no quilombo, ainda que a maioria dessa comunidade tenha migrado para outros lugares. Foi neste período, final da década de 80 para início dos anos 90 que Bezinha junto a Carmo passaram a participar das mobilizações da comunidade para conseguirem o título coletivo das terras<sup>3</sup>, nesta época também o quilombo recebeu apoio de várias entidades negras para conseguirem alcançar essa conquista, assim, os mesmos se aproximaram do fundador do Movimento Negro Unificado Luiz Alberto, personagem que auxiliou o quilombo de Barra em todas as lutas pelo reconhecimento Estatal. Importante registramos que algumas reuniões e encontros aconteciam no prédio escolar.

O modo de vida da comunidade influenciou na forma como esses educadores desenvolviam/desenvolvem o trabalho educativo no quilombo, e analisamos que a cultura na comunidade vai se materializando no cotidiano, muitas vezes através do trabalho associado, como também na produção do artesanato<sup>4</sup>, nas rodas de samba do samba do

1 O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) foi criado através do Decreto 7.619, de 21 de outubro de 1909, no governo de Nilo Peçanha, sendo o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido no país.

2 Com o nome de Barragem Luiz Vieira, seu represamento deu lugar ao Açude Brumado. As primeiras escavações tiveram início em 1967, e a barragem de contenção foi iniciada em 1977 e concluída somente dez anos depois, em 1987, (RELATÓRIO, AMRC).

3 Em 22 de dezembro de 1999, as comunidades remanescentes de quilombo de Barra e Bananal conquistaram o título definitivo de suas terras. Este é de caráter coletivo, como preconiza a lei e, portanto, foi expedido em nome da “Associação de Desenvolvimento Comunitário Rural de Barra do Brumado”. O mesmo compreende uma área de 1.339 hectares e tem por limites os seguintes confrontantes: a comunidade de Mato Grosso, Serra do Molhado, Fazenda Sítio Pantanal e Fazenda Campos Gerais.

4 Bezinha relatou que o artesanato para o quilombo foi *um dos meios de sobrevivência* para os moradores e moradoras de Barra, para ela e sua família. É ainda mais importante no processo de *independência financeira das mulheres* do quilombo, no trabalho educativo, pois costuravam roupas para os seus alunos, ajudavam nas confecções dos festejos religiosos da comunidade, utilizavam dos aprendizados para produzir peças para dentro de suas próprias casas e algumas comercializavam seus produtos no quilombo, em Rio de Contas e nas cidades vizinhas.

Mendengó<sup>5</sup>, nas relações que os (as) trabalhadores(as) estabelecem entre si, e, essa cultura e sabedoria popular ancoradas na experiência fazem com que os moradores e moradoras, professores e professoras de Barra resolvam os dilemas de seu cotidiano e construam sua identidade (TIRIBA, SOUZA, 2020).

## CONCLUSÕES

O trabalho educativo desenvolvido por Bezinha e Carmo na escola do quilombo foi de grande importância para as conquistas da titularidade da terra e do esforço por construir conhecimento e pertencimento da comunidade ao quilombo.

Constatamos nesta pesquisa que a memória e o trabalho da educação foram/são basilares para a conquista de direitos da comunidade e para auxiliar na construção da identidade quilombola. Todas essas manifestações da tradição cultural do quilombo são presentes na educação, assim como a educação é parte fundamental na vida de todos (as) do quilombo para essa “identidade” que é cotidianamente reconstruída e ressignificada através da memória coletiva e histórica da população, de antes, e depois do quilombo remanescer.

## REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

SÃO JOSÉ, Géssica M S. O trabalho da memória e da educação na luta pelo reconhecimento do quilombo de Barra em Rio de Contas-BA. **Dissertação de Mestrado** da Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2024.

SANTOS, Alexandre d. Jesus. **Memória e Ontologia do Ser Social: Contribuições a Uma Teoria Marxista da Memória**. **Tese de Doutorado** da Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2021.

5 É uma manifestação do samba de roda própria das comunidades quilombolas de Barra, Bananal e Riacho das Pedras. A transmissão dos saberes envolvidos na realização do samba de roda mendengó/bendengó na comunidade de Barra é feita por meio da observação e da imitação. Desde criança os moradores e moradoras do quilombo observam, escutam e começam a imitar a dança, as palmas e os toques rítmicos do samba. Bezinha conta que na escola ela ensinava as crianças o samba do mendengó/bendengó principalmente no recreio (intervalo), mas que era de costume sempre em datas comemorativas da escola ou da comunidade eles manifestarem o samba.

Realização:



Apoio:



TIRIBA, Lia. Modo(s) de Vida e Modos de Produção da Existência Humana: Ensaio Teórico-Methodológico. **Geminal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.13, n.2, p.407-419, ago. 2021.

TIRIBA, Lia; SOUZA, William Kennedy do A. Culturas do Trabalho, Educação e Produção da Existência: Entre Quilombolas, Castanheiros e Seringueiros. **Revista da ABET**, v. 19, n. 2, Jul/dez. 2020.

Realização:



Apoio:

